



## NARRATIVAS INFANTIS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO: PROBLEMATIZANDO MODOS DE SER MENINA E MENINO NO ESPAÇO DA ESCOLA

Lucilaine dos Santos Oliveira<sup>1</sup>  
Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>  
Joice Araújo Esperança<sup>3</sup>

Meu pai não gosta que eu use brinco e tornozeleira porque ele diz que não fica bem para homem, mas eu expliquei para ele que eu tenho outro pensamento...  
(Foguetão<sup>4</sup>, 9 anos)

Pouco tempo atrás presenciei um diálogo entre um avô e sua netinha de quatro anos enquanto visitava uma família. A menina estava encantada com os carinhos trocados por dois gatos – um preto e um branco – na calçada de sua casa e comentou com o avô que eles estavam namorando. Nesse momento, o avô se aproximara da menina e o diálogo entre os dois me fez pensar que existem possibilidades para a efetivação de uma sociedade mais justa e igualitária:

*Avô: Isso não pode minha filha – um negro namorando uma branca! Branco tem que namorar branco!*

*Menina: Pode sim vô! Esse é só o teu jeito de pensar!*

Frases como as pronunciadas por “Foguetão”, de nove anos, e pela menininha de quatro anos destacadas no começo desse texto, fazem-me pensar que “o que todo mundo vê nem sempre se viu assim. O que é evidente, além disso, não é senão o resultado de uma certa disposição do espaço, de uma particular ex-posição das coisas e de uma determinada constituição do lugar do olhar” (LARROSA, 1995, p. 83).

Sobre essa “constituição de olhares”, em especial dos infantis, é que venho me propondo a estudar, entendendo que se nem sempre foi assim, ou seja, se nem sempre as pessoas tiveram pensamentos e atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias com relação à diversidade cultural, social, étnica, de gênero e/ou raça, significa que podem deixar de ter ou, por outro lado, se a

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, FURG – fone (053) 81146523 lucilaineoliveira@gmail.com.

<sup>2</sup> Profª. Drª. Paula Regina Costa Ribeiro Coordenadora do Pós-Graduação em Educação em Ciências - Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola. FURG – (053) 32336674 pribeiro@vetorial.net

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, FURG e integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - joicesp@yahoo.com.br

<sup>4</sup> A experiência de pesquisa da qual se ocupa este texto foi realizada com crianças da 4ª série do Ensino Fundamental. As crianças e seus responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a realização da investigação. A fim de não identificar o nome das crianças as mesmas escolheram codinomes, que ao longo do artigo vão estar presentes entre aspas.



diversidade foi tratada desse modo durante muito tempo pelos sujeitos, isso não quer dizer que não possa ser vista, tratada, pensada de maneira diferente. O que tem me deixado mais otimista, nesse sentido, é perceber nas crianças uma mudança de comportamento, uma “dis-posição” em olhar diferente, em pensar diferente, o que pode representar um indicativo de que nossa sociedade possa desenvolver outros parâmetros de comportamento ao possibilitar relações interpessoais amparadas em sentimentos de amor, respeito, solidariedade e união.

Apostando nisso, tenho desenvolvido na escola em que atuo como professora uma experiência de pesquisa com o objetivo de discutir com os sujeitos infantis atributos sociais e culturais conferidos aos gêneros, problematizando que as masculinidades e as feminilidades não são apenas produtos das características biológicas, mas são também produções sócio-históricas e culturais. Nesse sentido, concordo com Louro (1997) ao argumentar que o conceito de gênero passa a exigir que:

se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (p.23).

Para realizar esta pesquisa com as crianças, fez-se necessário uma abordagem metodológica diversificada (MULLER, 2007) que deveria contar com a observação da pesquisadora, mas também com a articulação a outras estratégias que possibilitassem a aproximação com as culturas infantis e seus modos de expressão. Optei pela investigação narrativa como referencial teórico-metodológico, buscando conhecer os discursos das crianças a respeito das questões de gênero e sexualidade.

A fim de conhecer as narrativas das crianças sobre as referidas temáticas realizei atividades com o objetivo de problematizar entendimentos e representações por elas construídas. Estas foram desenvolvidas durante os encontros de aula e possibilitaram um espaço de diálogos entre as crianças e a pesquisadora e entre as próprias crianças, que ao exporem suas narrativas tiveram a oportunidade de problematizar, discutir, (re)construir ideias e modos de pensar os corpos, os gêneros e as sexualidades através da realização de dramatizações e brincadeiras, da escrita de diários e da elaboração de desenhos, aproximando diferentes linguagens. Neste texto, apresento a narrativa de duas situações que chamei de episódios, vivenciados em sala de aula, que dizem respeito ao tratamento das questões de gênero.



*Episódio I: “O caso do papel cor-de-rosa e os significados das cores”*

Naquela semana, a turma havia pesquisado em diferentes livros, revistas, vídeos, sites e no laboratório de entomologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), diferentes espécies de borboletas e mariposas e, então, havíamos combinado de construir um mural com gravuras, dobraduras e desenhos decorados sobre o tema estudado. Para tanto, solicitei às crianças que trouxessem papéis coloridos para a realização da atividade.

No dia marcado, ao chegar à escola fui procurada pela mãe de “Ham” que pediu para conversar comigo e entregou-me um canudo de papel crepom de cor rosa. A mãe contou-me que o menino teria saído de casa chorando naquele dia e que não queria vir para a escola temendo que os/as colegas o chamassem de “bixinha”. A mãe ainda justificou que havia comprado o papel daquela cor porque no bazar próximo de sua casa, aquela era a única cor disponível. Naquele instante, tranquilizei a mãe do menino explicando que conversaria com a turma a respeito e coloquei o papel em uma sacola, juntamente com outros que havia trazido de casa. No entanto, enquanto conduzia a turma para a sala de aula, pensei em uma forma de abordar o assunto sem causar tristeza ou constrangimentos a “Ham”.

Sendo assim, antes de começarmos o trabalho, considerei importante conversar com as crianças sobre a beleza e os significados das cores, o que cada uma delas representava em diferentes culturas, onde as encontrávamos na natureza, a respeito da preferência de cada um/a de nós por algumas cores e não por outras, e se existiriam cores próprias para meninas e cores próprias para meninos. Lembro que algumas crianças disseram que rosa era cor de menina e que azul era cor de menino. Então, pedi que observassem as cores das roupas que estavam utilizando naquele dia, bem como a de seus materiais e acessórios. As crianças observaram que havia meninas usando roupas de todas as cores, mas nenhum menino estava vestindo roupas na cor rosa. Naquele momento, as crianças observaram que “Foguetão” e “Chumbadinho” estavam usando brincos na orelha, enquanto “Bya” não costumava usar aquele adereço e, então, “Foguetão” afirmou que usava brincos e nem por isso era “bixinha”. Questionei-os/as sobre o que pensavam a respeito de um menino que utiliza uma roupa ou objeto na cor rosa e de uma menina que não utiliza brincos: deixariam, dessa forma, ele/a de ser menino/a?

As narrativas produzidas pelas crianças, naquela interlocução, possibilitaram-me compreender que as identidades dos sujeitos são engendradas discursivamente em diferentes contextos e culturas na medida em que esses vão ensinando modos de ser menina/menino, homem/mulher. O que permite afirmar que,



O nosso agir como homens e mulheres encontra-se implicado no processo de socialização em que fomos e estamos inseridos. Isto é, há uma multiplicidade de construções do ser masculino e do ser feminino, pois diversificados modelos, ideais, padrões e imagens, de diferentes contextos (classes, raças, etnias, nacionalidade, religião) configuram o processo de formação do homem e da mulher (RIBEIRO, 2007, p.2).

Assim, é possível perceber em nossa sociedade inúmeras práticas de subjetivação dos sujeitos, em especial dos infantis, que acabam por colaborar para que classifiquem, separem e discriminem ações e comportamentos como próprios do sexo feminino ou masculino. Dentre elas, pode-se citar a escolha das cores e roupas que compõem o enxoval dos bebês, dos brinquedos, do corte do cabelo e dos acessórios, bem como dos filmes, das brincadeiras e de outras atividades cotidianas destinadas a meninos e meninas, que inscrevem, em seus corpos, comportamentos e modos de pensar.

Desse modo, as falas, as atitudes e os corpos das crianças e jovens atribuem marcas simbólicas, sociais e materiais de seus lugares e de suas diferenças, feitas a partir de representações que são (re)produzidas nas diversas pedagogias culturais, e que vêm ensinando a esses sujeitos os significados de feminino e masculino (LOURO,1999). Assim, as narrativas das crianças sobre o fato de que rosa é cor de menina e de que azul é cor de menino e de que brincos podem ser utilizados por meninos, sem que esses sejam chamados de “bixinhas”, demonstram o entrelaçamento entre as identidades de gênero e as identidades sexuais. Segundo Louro, “essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente” (1997, p. 27), embora elas não sejam a mesma coisa. As identidades sexuais referem-se às formas com que se vive a sexualidade e os prazeres corporais, seja com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros, enquanto que as identidades de gênero referem-se às múltiplas formas de viver a feminilidade e a masculinidade, “revelando-se na expressão de modos de ser, de gestos, de jeitos de vestir, de atitudes, de hábitos corporais, de posturas para andar, sentar, movimentar-se, de tonalidade de voz, de seleção de objetos e adornos, etc.” (SEFFNER, 2006, p. 89).

Partindo dessa compreensão, discuti com as crianças a respeito de que não existem cores próprias para meninos ou meninas, homens/mulheres, mas que existem gostos e preferências particulares a cada pessoa, independente de seu sexo, e que esses devem ser respeitados por todos/as. Sendo assim, as narrativas produzidas pelas crianças, naquela interação, suscitaram reflexões acerca de como algumas percebem como naturais as distinções socialmente produzidas, enquanto outras as questionam, tomando como referência suas próprias experiências.



*Episódio II: “Problematizando questões de gênero a partir da organização de fileiras na escola”*

Enquanto esperava o sinal de entrada, observei que alguns alunos/as conversavam em pequenos grupos na frente da escola, outros brincavam no pátio e outros que acabavam de chegar, se despediam de colegas de uma escola vizinha que habitualmente faziam o mesmo trajeto na ida para a escola. Ao ouvir o sinal de entrada, meninas e meninos se organizaram em filas enquanto aguardavam a chegada das professoras para serem encaminhados às suas respectivas salas de aula. Assim aconteciam todos os dias e essa rotina fazia parte de um ritual de disciplina da escola: ao ouvir o sinal de entrada, os/as alunos/as deveriam estar junto às professoras e de preferência sem correrias e barulho, sob o olhar atento da diretora. A ordenação por filas, as repartições e organização do espaço serial na instituição escolar são arranjos que compõe a cultura da escola. Trata-se de uma construção histórica instituída na Modernidade, como mostra Michel Foucault (2005) em seus estudos sobre disciplina. De acordo com o referido autor, a partir do século XVIII a classe escolar torna-se homogênea, compondo-se de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros ordenados por fileiras. Esta forma de organização passa a definir, segundo Foucault, a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar.

Aquela fila, aparentemente organizada, ia aos poucos se desfazendo no caminho até a sala de aula: um puxando o boné do outro, outros andando lado a lado com o braço sobre o ombro do/a colega, outros disputando por pegar na minha mão. Isso me faz recordar uma passagem da minha infância em que sendo a aluna mais alta da turma, ocupava sempre o último lugar na fila e, conseqüentemente, nunca conseguia dar a mão para a professora, o que me deixava muito frustrada. Muitas vezes quis ser menorzinha só para ter a sensação de estar mais perto da professora. Hoje, através do estudo de autores/as que discutem as questões de gênero, compreendo que a classificação das filas em meninas e meninos, em maior e menor, atua não simplesmente como uma estratégia de organização do ambiente escolar, mas como uma prática de significação que posiciona os sujeitos, constituindo suas identidades e subjetividades, pois como argumenta Kathryn Woodward:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (2000, p. 17).

Partindo desses entendimentos e observando os modos como as crianças se comportam, temos conversado sobre as diferentes maneiras de nos organizarmos quando precisamos transitar



juntos pela escola. Assim, em alguns dias a fila é organizada em ordem crescente, outros dias em ordem decrescente, por idade, dia do nascimento, alternando meninos e meninas, em pequenos grupos, em duplas e, assim, vamos pensando outras possibilidades. De início, algumas crianças estranhavam e ficavam me questionando quando avisava que, naquele dia, entrariam primeiro os meninos na sala de aula. Disse-me uma menina: mas não tinha que ser primeiro as damas? Recordo-me quando um aluno, surpreso com minha atitude, disse que eu era uma professora justa porque nos anos anteriores eram sempre as meninas que tinham o privilégio de passar na frente e os meninos tinham de esperar. Questionei: mas por que não o contrário? Não seria bem melhor se as oportunidades fossem iguais para todos/as?

O diálogo com as crianças sinaliza a necessidade de implantarmos na escola uma política pedagógica e curricular que permita aos/às alunos/as não simplesmente reconhecer, admitir, tolerar, respeitar e celebrar as diferenças e as identidades, mas problematizá-las, destacando seu caráter construído através de uma pedagogia que questione o poder ao qual elas estão estreitamente associadas, como bem observa Tomaz Tadeu da Silva, uma pedagogia da diferença. Nessa perspectiva, destaca o autor,

Os estudantes e as estudantes deveriam ser estimulados a explorar as possibilidades de perturbação, transgressão e subversão das identidades existentes. [...] Um currículo e uma pedagogia da diferença deveriam ser capazes de abrir o campo da identidade para as estratégias que tendem a colocar seu congelamento e sua estabilidade em xeque: hibridismo, nomadismo, travestismo, cruzamento de fronteiras. Estimular, em matéria de identidade, o impensado e o arriscado, o inexplorado e o ambíguo, em vez do consensual e do assegurado, do conhecido e do assentado. Favorecer, enfim, toda a experimentação que torne difícil o retorno do eu e do nós ao idêntico (2000, p. 100).

Ao entrarmos na sala de aula, após feita a chamada, propus que me ajudassem a organizar as cadeiras próximas umas das outras para que pudéssemos conversar enquanto contaria uma história. A história que é destinada ao público infanto-juvenil, faz parte do livro “Menino brinca de boneca? Conversando sobre o que é ser menino e menina”, de autoria de Marcos Ribeiro. Meu objetivo com essa atividade era discutir sobre as características femininas e masculinas naturalizadas em nossa sociedade, tais como: menino não chora, menino não usa cor rosa, menina não joga futebol, menina é mais vaidosa e sensível do que menino, menina é mais comportada, menino é mais inteligente e corajoso, entre outras expressões e problematizar os significados atribuídos aos/às meninos/meninas, ao/à homem/mulher em nossa sociedade e que contribuem para a construção dos modos de pensar e agir das pessoas. Proposta essa fundamentada a partir da leitura de autores/as e estudiosos/as de gênero como Louro, Seffner, Felipe, Ribeiro, Junqueira, Meyer, Scott, Furlani, dentre outros/as, que discutem os significados e representações de gênero como social, histórico e culturalmente atribuídos.



Fui contando a história e a cada página lida, discutíamos a respeito das questões abordadas. Assim, quando na primeira página li a frase: “Largue essa boneca menino! Homem não brinca de boneca!”. Nesse momento, surgiram inúmeros comentários e relatos de experiências, como o de “Rex” ao responder que não concordava com a frase, já que é menino e brinca de casinha com sua irmã e primas, de “Tiago” ao dizer que até brinca de boneca, mas na brincadeira ele é o pai do bebê, de “Ana” ao afirmar que é menina e gosta de jogar bola com as outras gurias, mas que sua avó fala que essa não é brincadeira de guria e de “Kakachi” ao falar que não joga vôlei porque é um jogo próprio para menina. Contrapondo-se ao ponto de vista do colega, lembro-me que “Bya” argumentou dizendo que não tinha nada a ver, porque vôlei pode ser jogado por meninas e meninos, que nem futebol. “Mila” deu continuidade à discussão, afirmando que tem muitas mulheres nas olimpíadas e que inclusive a jogadora Marta e as outras do time brasileiro são destaques no futebol. “Vani” complementou dizendo que o Brasil tem jogadores muito bons no vôlei masculino e nas lutas também e “Bya” se dirigiu a “Kakachi” explicando que se os/as esportistas pensassem assim, não teriam chegado lá, nem conquistado o sonho de participar de uma olimpíada. Então, após ouvir as colegas, “Kakachi” balançou a cabeça em um gesto afirmativo, concordando com as mesmas. Após ouvi-los/as, falei sobre a importância de fazermos coisas sem ficarmos nos perguntando se são próprias para meninos ou meninas, como o esporte, os brinquedos e as brincadeiras, por exemplo, e a respeito de como atitudes preconceituosas podem magoar e causar infelicidade aos outros e a nós mesmos.

“Lily” relatou uma experiência que vivenciou quando ainda estava na escolinha. Ela contou que desde bem pequenininha gostava de brincar com carrinhos e que ficava encantada com a coleção da *Hot Wheels*<sup>5</sup> que seus primos tinham, porém eles não a deixavam brincar. Um dia, sua avó resolveu presentear-lá com um carrinho daqueles e segundo ela, foi o melhor presente que ganhou. A aluna disse que havia um dia da semana em que cada criança da turma podia levar o seu brinquedo preferido e, então, ela levou o seu carrinho para a escola, no entanto, sua professora falou que carrinho era para meninos e pediu que trouxesse um brinquedo de menina para brincar com as coleguinhas.

Então questionei: o que vocês acham? Menina pode brincar de carrinho? Se carro é próprio só para meninos, apenas homens podem dirigir?

Recordo que “Foguetão” respondeu que menina pode brincar de carrinho e mulher pode dirigir. Segundo ele, depende do gosto de cada um, mas que as pessoas não entendem. Contou-nos

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma marca de carros de brinquedo, dentre outros artefatos (como roupas, calçados e revistas) endereçados aos meninos.





que seu pai não gosta que ele use brinco e tornozeleira, alegando não ficar bem para homem. O menino posicionou-se dizendo que possui um outro pensamento, não vendo problema em um homem querer se arrumar, ficar bonito (risos). Naquele momento, “Chumbadinho” relatou que não tinha calçado para vir para o colégio e que sua mãe ganhou um tênis de uma moça. Um tênis que não servia mais nela, então sua mãe lavou bem e lhe deu. O menino afirmou que o tênis tinha cadarços rosa, mas não se importava com isso, já que sabia que era homem e isso, para ele, era o mais importante. A turma destacou a colega “Bya” por ser muito corajosa e que apesar da deficiência física, sabe se defender muito bem e ainda defender os/as colegas. “*Bem 10*” contou-nos que um dia ela deu um baita susto num guri que ficava cantando marra de valente e quando o viu chorando, ela botou o guri para correr! (risos)

Quando em um trecho do livro, apareceu a sensibilidade como característica das meninas, “Foguetão” e “Foguetinho” discordaram, afirmando que choram quando assistem a cenas tristes em filmes ou novelas; lembraram de mulheres sozinhas que criam seus filhos/as e que, por isso, são muito fortes. Não sei se é pretensão minha afirmar isso, mas ao presenciar diferentes maneiras das crianças se organizarem no espaço do recreio, naquele mesmo dia, tive a impressão que as discussões realizadas sobre as questões de corpos, gêneros e sexualidades na escola estavam produzindo efeitos e esses já podiam ser percebidos não só em situações como essa, bem como nos modos como as crianças vêm percebendo a diversidade dos corpos como construções biológicas, mas também sociais, culturais e históricas, e passaram a problematizar essas questões entre seus pares. Baseada nessas e em outras situações que venho experienciando na escola, bem como nas leituras realizadas para a realização deste estudo, tenho procurado integrar aos demais conteúdos do currículo escolar temas que considero de relevância social, e que ao longo dos tempos, têm sido esquecidos ou deixados em segundo plano pela escola, como os que envolvem o tratamento das questões de gênero. Nesse sentido, vale ressaltar que estou entendendo gênero, a partir de Conceição Nogueira (2001) ao afirmar que o mesmo:

não é apenas algo que a sociedade impõe aos indivíduos; mulheres e homens, eles próprios fazem o gênero e, ao fazê-lo, eles escolhem certas opções comportamentais e ignoram outras. Essa perspectiva desafia o caráter natural da diferença de gênero, sustentando que todas as características sociais significativas são ativamente criadas, e não biologicamente inerentes, permanentemente socializadas, ou estruturalmente determinadas (p.11-12).

Penso que ao problematizar a construção das diferenças e das identidades (de gênero, sexuais e étnicos-raciais) no contexto da educação escolar, o/a professor/a “empenha-se em fazer da escola um espaço de corpos vibráteis, devires desejantes, dotados de olhares que não vêm por meio dos prismas fornecidos pelos esteriótipos e pelo preconceito” (JUNQUEIRA, 2008, p. 21-22),





contribuindo para que argumentos como os utilizados pelas crianças no início desse texto, tenham eco nas famílias, nas escolas, nos grupos de amigos/as, nos grupos religiosos, nos espaços de lazer e demais contextos e, assim, possibilitem a construção de uma sociedade efetivamente menos injusta, violenta e desigual. Para tanto, diante de tudo que busquei discutir neste texto, considero relevante afirmar que “é preciso também debater os critérios de que nos valem para avaliar e classificar o mundo, as coisas, as pessoas e suas atitudes; construir dialogicamente novas regras, novas formas de convívio; repensar o currículo e conceber novas formas de ensinar e de aprender” (JUNQUEIRA, 2008, p. 22).

A partir dos episódios narrados neste texto, considero prudente destacar a importância de pesquisas realizadas “com crianças” para pensarmos os estudos de gênero nas infâncias, ou seja, estudos realizados a partir das próprias crianças, considerando seus pontos de vista, privilegiando seus olhares e, assim, rompendo com a visão adultocêntrica que costuma caracterizar os estudos “sobre crianças”.

#### *Referências bibliográficas*

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 30. ed. Petrópolis: Editora. Vozes, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério. Corpos, gêneros e sexualidades na escola: por uma educação promotora do reconhecimento da diversidade sexual e de gênero. IN: RIBEIRO, Paula [et al.]. *Educação e sexualidade: Identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia, Aids...* 2.ed. Rio Grande: Editora da Furg, 2008.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_.(org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MULLER, Fernanda. *Retratos da Infância na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRS/PPGE, 2007, Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação.

NOGUEIRA, Conceição. *Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero*. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 137-153, março/ 2001.

RIBEIRO, Paula [et al.]. O entrelaçamento das identidades de gênero sexuais. In: GANDUGLIA, Néstor G. , MOTTA Natalia [org.]. *Horizontes de maíz y barro: saberes e imaginarios en diálogo*



*hacia un nuevo orden social : memorias del 4to. Foro Latinoamericano "Memoria e Identidad".*  
Montevideo: octubre de 2007. ISBN 978-9974-7936-3-7.

SEFFNER, Fernando. Cruzamentos entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s). In: SOARES, Guiomar, SILVA, Méri e RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.). *Corpo, gênero, sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.